



KES

Knowledge Exchange Sessions

JOHN NEWBIGGIN
CHAIRMAN DA CREATIVE ENGLAND

ECONOMIA CRIATIVA

ECONOMIA CRIATIVA E A FORÇA DO CAPITAL INTELECTUAL

NA ÚLTIMA EDIÇÃO DO KES EM 2015,
O ESPECIALISTA INGLÊS JOHN NEWBIGIN
APONTOU TENDÊNCIAS E CAMINHOS
CRIATIVOS PARA EMPRESAS E GOVERNOS
AVANÇAREM NA ERA DA COLABORAÇÃO

Por GoAd Media

Uma revolução silenciosa que inspira empresas, governos e instituições de ensino está em andamento. Há pelo menos três décadas, a economia deixou de ser pautada pelo que nos levou à Revolução Industrial, no século passado, e passou a guiar-se pela tecnologia e suas diversas nuances colaborativas.

Em paralelo, nós, consumidores, mudamos nossos hábitos de consumo e comportamento e as gerações mais novas - nossos filhos, netos, sobrinhos - nasceram em um mundo conectado pela mesma rede.

O contexto acima nos trouxe à era da economia criativa, na qual o potencial humano ganha força e relevância turbinado pelas infinitas possibilidades proporcionadas pela tecnologia e pelo investimento certo no capital intelectual.

Brazil

3rd 2015



“... o potencial humano ganha força e relevância turbinado pelas infinitas possibilidades proporcionadas pela tecnologia e pelo investimento certo no capital intelectual.”



“Robôs não vão tomar o lugar de profissionais qualificados.”

Para debater o tema, a última edição deste ano do **Knowledge Exchange Sessions (KES)** trouxe à São Paulo, no último dia 24 de novembro, o inglês **John Newbiggin, Chairman da agência nacional Creative England** e consultor internacional de políticas públicas voltadas para a criatividade. “Nos últimos 20 anos, muitos governos perceberam que a criatividade é a área humana que distingue o sucesso do fracasso”, disse, na abertura da palestra, provocando a audiência formada por 150 líderes do mercado brasileiro de comunicação e *marketing*.

Nesse sentido, o especialista apontou que, diferentemente do que muitos defendem, o capital intelectual torna-se cada vez mais importante na nova economia. “Robôs não vão tomar o lugar de profissionais qualificados. Pelo contrário. Há profissões mais mecânicas que vão deixar de existir, como caixa de supermercado, mas há infinitas oportunidades surgindo para o uso da criatividade humana associada à robótica”, analisou.

Para defender sua tese, Newbiggin resgatou importantes propulsores econômicos na história da humanidade. Primeiro, a força física destacou-se como um dos maiores ativos; depois, o petróleo e sua vocação de provedor de fontes de energia, mas que também nos trouxe uma série de problemas, inclusive, ambientais. “Ele não foi a resposta mais sustentável para nossas necessidades energéticas”, completou.

Agora, a criatividade é a nossa força maior, diz o especialista. “Ao contrário do petróleo, quanto mais usarmos, mais teremos. Se você começa a ter uma mentalidade que usa criatividade como força para o futuro, você começa a ter outra diretriz”, explicou.

Com o intuito de materializar sua defesa, Newbiggin disse que máquinas não são o futuro e cravou: “Hoje, o pensamento converge para a essência do entendimento da nova economia. É preciso pensar para fazer sentido e se chegar à essência da nova economia. E pensar é um ativo nosso, do ser humano”.

“Hoje, o pensamento converge para a essência do entendimento da nova economia.”





failure is expensive
(and a disaster)

VELHA ECONOMIA X NOVA ECONOMIA

Numa sequência simples de analogias, o especialista contextualizou as diferenças entre a economia antiga e a nova - chamada de criativa. Para ele, a velha economia dependia de investimentos pesados (fábricas, escritórios, caminhões); na atual, o investimento no ser humano torna-se um dos ativos intangíveis mais poderosos.

Na economia antiga, quantidade definia grandeza (*big is beautiful*); na nova, o pequeno é mais inteligente (*small is clever*). Na velha economia, falhar custava caro e era considerado um desastre. Na economia criativa, o erro faz parte do processo e pode ser uma lição valiosa de aprendizado. “Se olharmos para o Vale do Silício, percebemos que, quando uma empresa vai à falência, não é estupidez. Isso mostra que os fundadores foram inovadores de tal forma que arriscaram todo o seu negócio”, disse Newbiggin.

Em um dos momentos mais marcantes de sua apresentação, o especialista colocou em pauta os modelos educacionais, destacando que, na economia antiga, o professor era o especialista. Hoje, os professores lideram o processo de aprendizado, que se torna cada vez mais colaborativo. “Os jovens precisam aprender a ser flexíveis, trabalhar em grupo, ter humildade. Essas são as características do profissional da nova economia”, completou.

No entanto, segundo Newbiggin, as escolas ainda possuem modelos muito tradicionais de ensino. Para ele, ainda se usa métodos em que os conceitos não podem ser questionados e todos são inseridos dentro de um mesmo conceito de aprendizado, independentemente de seus talentos ou vocações.

“Eu costumo dizer que se um médico de cem anos atrás entrasse no hospital hoje, ele não teria ideia do que fazer. Mas se um professor do início do século passado entrasse em uma escola hoje, ele saberia o que fazer. E isso é um horror. O sistema educacional não acompanha mudanças na economia”, analisou.



7 BASES DA ECONOMIA CRIATIVA

*John Newbiggin enumerou os pontos-chaves
da nova dinâmica de mercado*

1. A FORÇA DAS CIDADES

“Cidades são quase tão importantes quanto governos nacionais. É nesse ambiente que se juntam as mentes que tomam decisões. Se há uma cidade onde a infraestrutura social é forte, onde há empregos e serviços públicos de qualidade, é aí que você consegue prosperidade rápida. Não só nas grandes, mas nas pequenas também.”





2. O PODER DAS UNIVERSIDADES

“As universidades são cruciais. *Cambridge* e *Oxford* crescem porque todos buscam seus institutos de tecnologia naquelas cidades. Hoje, as cidades se desenvolvem perto das universidades que são referências. É a mesma função que uma mina de carvão tinha 200 anos atrás. É a fonte para a nova economia. As universidades são essenciais para o futuro da economia.”

3. PROPRIEDADE INTELECTUAL

“É um dos pilares da economia criativa. Todos morrem de medo que as informações referentes às suas empresas sejam roubadas por alguém. Ter uma política de propriedade intelectual é importante. Mas se considerarmos apenas a defesa do que já possuímos, ficamos limitados a uma só política. Empresas em desenvolvimento abrem seus conhecimentos e outras pegam as informações podendo avançar e ter mais sucesso do que quem teve a ideia. Hoje, os problemas são tão complexos que só a colaboração pode ser a saída.”





4. DADOS

“Dados são a base da economia criativa. Quando fizemos uma análise da indústria criativa no Reino Unido, por exemplo, notamos que empresas desse setor cresceram duas vezes mais do que as tradicionais. Só percebemos isso porque tínhamos dados. Mas é importante saber o que você busca e quais dados precisam ser analisados. Dados sem inteligência são apenas números. Hoje, temos excesso de dados e nem sabemos como utilizar. Dados determinam inovação e impulsionam a tomada de decisões. No entanto, não podemos nos afogar neles. Se aprendemos a gerenciar o volume gigantesco de dados, podemos coletar informações valiosas sobre os consumidores.”

5. BANDA LARGA

“Parece óbvio, mas precisamos de banda larga de alta qualidade. Mesmo empresas que não dependem de internet, precisam. É tão necessário quanto eletricidade. Ter infraestrutura robusta é uma necessidade. Investir em infraestrutura é investir no futuro.”





6. TALENTO

“Pessoas talentosas existem em todos os lugares. Mas é preciso identificar esses talentos, investir no seu desenvolvimento e apostar alto no potencial intelectual das pessoas. Criatividade nasce daí. Da reunião desses talentos alocados em ambientes propícios para a inovação.”

7. CRIATIVIDADE A SERVIÇO DOS GOVERNOS

“Não devemos discutir o que o governo deve fazer para apoiar a criatividade, e sim o que a criatividade pode fazer para ajudar os governos. Com a criatividade, podemos melhorar as entregas dos serviços públicos, com soluções e orientações mais eficientes para as pessoas e mais econômicas. Isso seria fantástico. A Estônia fez isso. Diferentemente da União Soviética, sua colonizadora, a Estônia optou por ter tudo digital, eletrônico. Fizeram isso para romper com o passado e hoje possuem um dos melhores serviços públicos do planeta.”





EXCHANGE SESSION

KES
K

21:45

**COMO ACONTECE EM TODAS AS EDIÇÕES DO KES,
A DIVISÃO DOS EXECUTIVOS EM GRUPOS TEMÁTICOS
GEROU INSIGHTS SOBRE TEMAS QUE CERCAM
A NOVA ECONOMIA**

1. SKILLS OF THE FUTURE

MEDIAÇÃO DE MILENA BRENTAN

O futuro já chegou e profissionais já possuem diversas competências necessárias para atender as demandas contemporâneas. No entanto, existe o desafio de reter os talentos mais aptos para o futuro. “Uma das saídas para isso é incentivar o empreendedorismo dentro das próprias empresas, com inovação e incentivo ao aprendizado constante”, disse Milena Brentan, do Airbnb.

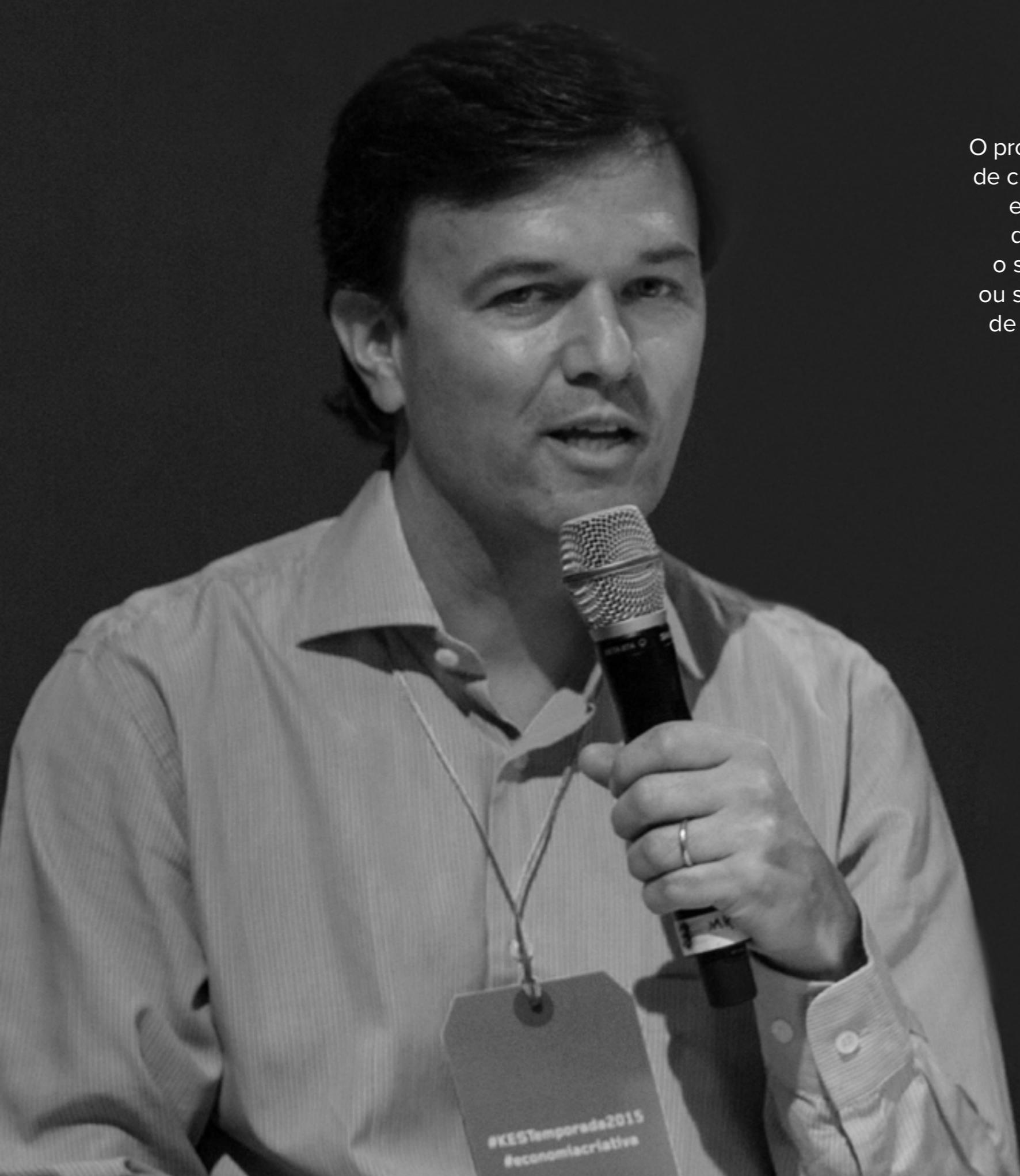


A black and white photograph of a man with glasses and a dark shirt, speaking into a microphone. He is looking slightly to the left of the camera. The background is dark. The microphone has a small white tag with the number '2' on it.

2. HUMANS & DATA, INSPIRED BY ADOBE

MEDIAÇÃO DE GUSTAVO DIAMENT

Para início de conversa, quando se fala em dados, é importante ter em mente qual hipótese precisa ser investigada. Os dados disponíveis hoje geram infinitas possibilidades e oportunidades para as empresas, mas é preciso filtrar e interpretar. “Existem oportunidades de se colocar camadas criativas nos dados e a publicidade se beneficia disso com o tempo real da mídia programática, por exemplo”, analisou Gustavo Diament.



3. ***JOBS IN A DIGITAL WORLD***

MEDIAÇÃO DE ROBERTO LERVOLINO

O profissional cada vez mais precisa ter a capacidade de criar comunidades de engajamento muito fortes em torno de projetos. Além disso, a paixão pelo que se faz é uma das características que define o sucesso profissional. “Todo produto que se cria ou serviço que se oferece precisa reunir um grupo de pessoas engajadas em torno deles”, defendeu Roberto Lervolino, da RIOT Games.

4. **DISRUPTIVE BUSINESS MODEL**

MEDIAÇÃO DE LUIZ CANDAREVA

A criação de negócios precisa sempre estar atrelada ao seu objetivo, à sua funcionalidade. É preciso ter motivo para determinada empresa existir. E mais: a nova economia pede que esses negócios já saiam do papel com potencial de compartilhamento. “É preciso que negócios inspirem confiança. A disrupção vem de uma ideia genial, mas funcionalidade define seu sucesso”, apostou Luiz Candreva, da EzPark.



5. LIFE PORTFÓLIO
MEDIÇÃO DE MARIANA FONSECA

Um dos grandes desafios na nova economia é definir onde colocar os filhos para estudar.

Os modelos tradicionais de ensino já não atendem como deveriam as demandas de conhecimento e de experiência do mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, ainda se vê empresas valorizando currículos tradicionais no momento das contratações “A boa notícia é que, cada vez mais, outras características também são reconhecidas e decisórias, independentemente de onde a pessoa estudou, como a capacidade de colaboração em grupo”, disse Mariana Fonseca, da Mariposa.



Knowledge Exchange Sessions

WWW.KES.DO

[INSTAGRAM](#)

[TWITTER](#)

[FACEBOOK](#)

[G+](#)

[LINKEDIN](#)